



I

ACTAS E PARECERES

Sessão de 8 de junho de 1911

Presidente: o Sr. Teixeira de Queiroz.

Presentes: os socios effectivos Srs. Coelho de Carvalho, Leite da Vasconcellos, Lopes de Mendonça, Veiga Beirão e Christovam Ayres, secretario da Classe; e os correspondentes Srs. Augusto de Castro, David Lopes, Gonçalves Vianna, Lucio de Azevedo, Julio Dantas e Pedro de Azevedo.

Lida a acta da sessão anterior, foi approvada.

O *Secretario* apresentou varias publicações offerecidas, entre ellas o volume ultimamente publicado pela Bibliotheca Publica do Porto, prefaciado pelo seu illustre director José Pereira de Sampaio, dando á estampa a obra inedita de Thomé Pinheiro da Veiga, *Fastigimia*. Encareceu a importancia d'esta obra, sobretudo como documentação dos usos, costumes, indumento e outros assuntos curiosos de Espanha e Portugal no tempo dos Filipes. Recordou que o Sr. Julio Dantas promettera á Academia um estudo sobre a indumentaria portuguesa nos seculos XVI e XVII.

O Sr. *Teixeira de Queiroz*, que presidia á sessão, incitou o Sr. Julio Dantas a apresentar esse trabalho, no

qual promettera collaborar tambem o Sr. Lopes de Mendonça.

O Sr. *Julio Dantas*, confirmando a sua promessa, lembrou que tambem o fallecido secretario da Classe, José de Sousa Monteiro, promettera o seu contingente nesse estudo, lamentando a sua falta; outras occupaões o teem levado a adiar o cumprimento d'essa promessa, que espera realizar qualquer dia, estimando ter agora no *Fastigium* uma nova fonte de estudo.

Apresentou tambem o *Secretario* o precioso estudo intitulado *Novos estudos sobre Sá de Miranda. Poesias extrahidas de um codice inedito e autographo*, que á Sr.^a D. Carolina Michaëlis pedira sobre um manuscrito de Sá de Miranda existente na Biblioteca Nacional, enviando-lh'o em reproducção photographica, e annunciou a sua publicação no numero de julho do *Boletim* da Classe, com artigos consagrados á eminente escritora.

O Sr. *Presidente* pôs em relevo a alta importancia da valiosa offerta feita á Academia pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis, e applaudiu, acompanhado por toda a Classe, a homenagem que se lhe ia prestar. O *Secretario* completou a sua informação lendo o seguinte trecho da carta da illustre escritora:

«Tenciono continuar esses estudos, occupando-me, por exemplo, das *Comedias*, mas para a realização do plano faltam-me ainda elementos importantes; de sorte que provavelmente submitterei anteriormente á apreciação da Academia outros trabalhos meus, quasi prontos, relativos a *Crisfal*, a Gil Vicente, Jorge de Montemór e Luis de Camões».

Com jubilo recebeu a Classe esta noticia.

O Sr. *Veiga Beirão* leu o parecer favoravel á candidatura a socio correspondente do Dr. Manuel Alvaro de Sá Vianna.

O Sr. *Lopes de Mendonça* disse que ia apresentar á

Classe uma ideia que lhe parecia util, mas que não chegava a ter fóros de proposta, por isso que para a resolução d'estas e analogas questões a recente legislação havia arrancado á Academia os recursos materiaes e até intellectuaes de que anteriormente dispunha. Mas por descargo de consciencia não queria calar uma suggestão, que estava certo seria bem acolhida pelos seus illustres confrades.

As attenções do mundo civilizado convergiam actualmente para o imperio de Marrocos, onde se debatiam interesses politicos de maior transcendencia. Esse disputado territorio, foco perenne de ambições e de conflictos de raça, fôra em tempo theatro de façanhas dos portuguezes, que desde a conquista de Ceuta até á epoca do Marquês de Pombal nunca haviam cessado de exercer dominio em pontos importantes do littoral marroquino. A historia methodizada da nossa occupação no norte africano estava ainda por fazer. Para a sua elaboração havia, alem de impressos subsidiarios, grande numero de elementos ineditos dispersos pelas nossas bibliotecas e archivos: narrativas, monographias, relatorios, documentos officiaes, etc. Lembrava-se de ter visto e compulsado alguns, entre elles um codice interessantissimo da Biblioteca Nacional de Lisboa (F-4-14), que lhe servira para esclarecer incidentes da biographia do padre Fernando Oliveira, publicada nas collecções academicas. Ainda ha pouco, na mesma Biblioteca, vira um curioso e volumoso manuscrito, abrangendo a historia de Arzila desde 1508 até o fim do seculo XVI, e outros poderia citar de incontestavel valor historico. Ora, pelos motivos expendidos, afigurava-se-lhe de grande utilidade a publicação de todos estes subsidios para a historia das nossas praças de Africa, desdobrando-se para isso a collecção dos *Monumentos*, que, graças á actividade dos nossos antigos confrades, e hoje ao zelo do nosso eminente consocio Bulhão Pato, tanto tem con-

tribuido para a elucidação das nossas conquistas e do nosso dominio no Oriente. Se não faltam elementos ineditos para preencher bastos volumes, não nos escasseiam igualmente competencias para a direcção de um trabalho d'essa natureza, entre as quaes não pode furtar-se a citar a do insigne arabista Sr. David Lopes, que não deixará de prestar mais este relevante serviço á Academia e á Patria portuguesa. É tempo de que, aos olhos do mundo inteiro, se encareça o papel preponderante outr'ora desempenhado por Portugal nesse vasto territorio, que é hoje ainda objecto da cubiça das potencias e foco de rijas competencias internacionaes.

O Sr. *David Lopes* concorda plenamente com as ideias que acaba de expor o Sr. Lopes de Mendonça, sobre a necessidade de publicar a massa enorme de materiaes que possuímos manuscritos sobre Marrocos. A historia do nosso dominio em Marrocos está por fazer; esperamos sem duvida que algum estrangeiro nol-a faça. Effectivamente, uma parte d'ella está sendo feita pelo Sr. Conde de Castries, de 1530 em deante. A expensas d'aquelle erudito estão-se copiando na Torre do Tombo numerosos documentos destinados á publicidade; e ultimamente publicou elle um manuscrito português da Bibliotheca Nacional de Paris, que é uma descripção de Marrocos do fim do seculo XVI.

Isso dá-lhe occasião de apresentar uma proposta que ha bastante tempo está no seu espirito. Passa de aqui a quatro annos o quinto centenario da conquista de Ceuta. É uma data memoravel da nossa historia; foi o inicio da nossa expansão colonial e da nossa collaboraçãõ na historia universal. A Academia deve celebrá-la convenientemente, e neste sentido faz a sua proposta. Deve a Academia provocar entre os seus membros estudos que não só abranjam o facto commemorado, mas tambem os antecedentes que o prepararam, e mesmo tudo o que diz res-

peito ao nosso dominio em Marrocos, e assim levantaremos um monumento digno da Academia.

Tem já a collaboração de um socio estrangeiro, o Sr. René Basset, que conta dar os *Annaes de Ceuta*, conforme as fontes arabes, desde a conquista arabe até 1415. Sobre a conquista de 1415 não se conhecem documentos arabes; apenas uma narração em um historiador moderno, Acaleni, mas feita por fontes europeias. Tambem promette um trabalho especial. Pensou em reeditar os *Documentos arabicos* de João de Sousa, que nem sempre parecem ter sido transcritos correctamente; de mais, dois d'esses documentos levaram Pinheiro Chagas na sua *Historia* a um contrasenso historico, por se fiar na traducção, que não condiz com o texto arabe, quando faz cair Calecut nas mãos dos mouros em 1509; no texto vem bem claro, Quilôa e não Calecut. Mas tal empresa demanda mais tempo do que o de que elle pode dispor: contribuirá mais modestamente, mas pode a Academia contar com a sua boa vontade.

A proposta do illustre academico vae appensa á presente acta.

O Sr. *Presidente* applaude a ideia do Sr. Lopes de Mendonça e a proposta do Sr. David Lopes. Os nossos antepassados desinteressaram-se de Marrocos para correr aventuras mais longinquoas; mas em Marrocos está um longo capitulo da nossa historia. Lamenta que o golpe com que a Academia foi ferida, tirando-se-lhe a typographia, lhe não dê as facilidades de que ella tanto necessitava para a regularidade das suas publicações; espera, porem, que um dia melhorarão as circumstancias e se auxiliará a Academia no fervor que tem apresentado em bem desempenhar a sua missão. Quanto á publicação dos documentos relativos a Marrocos e á celebração do centenario da conquista de Ceuta, convida os Srs. Lopes de Mendonça e David Lopes a apresentarem na proxima sessão uma especie de programma do que se poderá fazer.

O *Secretario* sente que á Academia faltem os recursos necessarios para fazer as publicações que deseja; todavia promette que no *Boletim* da Segunda Classe serão publicados todos os documentos que se forem apurando, com o auxilio dos dois referidos academicos, e tambem do Sr. Pedro de Azevedo, que tem ao seu dispor o Archivo Nacional. Promette, em todo o caso, consagrar ao centenario da conquista de Ceuta um numero do *Boletim* da Classe, como já os consagrou a Herculano, á Guerra Peninsular, á conquista de Goa, e os vae agora consagrar a Luis de Camões e a D. Carolina Michaëlis.

O Sr. *Lucio de Azevedo* disse que estando em vespervas de ser adoptada officialmente a reforma orthographica, segundo as bases apresentadas pela commissão para tal effeito nomeada pelo Governo, e havendo divergencias profundas entre a nossa provavel orthographia futura e a já estabelecida pela Academia Brasileira de Letras, chama a attenção da Classe para o facto, que lhe provoca apprehensões sobre os destinos futuros da lingua.

Tem o Brasil hoje uma população de cêrca de 20 milhões de almas, que será dentro em um quarto de seculo de 40, e se calcula chegará um dia a 100 milhões de habitantes. A nossa, quando não fique estacionaria, não crescerá na mesma proporção. É portanto de reccar que, sobrepondo-se á differenciação phonetica já existente, a differenciação orthographica, a distincção entre o falar brasileiro e o falar portugêes cada vez mais se accentue, e, dada a superioridade numerica da população brasileira, a nossa perca o predominio da lingua-mãe, para se converter em simples dialecto. D'esta impressão participa o nosso consocio José Verissimo, da Academia Brasileira, e com elle outros membros d'aquella douta aggremação, que sem enthusiasmo acceitaram a reforma em vigor. O mesmo nosso consocio é de parecer que não haveria difficuldade em se chegar a um accordo, entre as duas Academias,

para, até onde seja possível, se unificar nos dois países a expressão escrita da lingua. Elle proprio offerece o seu concurso, que será sem duvida efficaz. A Classe decidirá o que valem estas considerações, ouvido o parecer dos illustres consocios, cujos estudos e trabalhos nesta especialidade dão ao seu voto um valor singular.

O Sr. *Presidente* acha muito judiciosas as ponderações do Sr. Lucio de Azevedo e necessario o accordo que propõe; estando, porem, presente o Sr. Gonçalves Vianna, que faz parte da commissão official da orthographia e da commissão d'esta Academia para o dicionario, estimaria que elle expusesse a sua opinião.

O Sr. *Gonçalves Vianna* diz que a questão orthographica por parte da commissão nomeada pelo Governo está proximo da sua solução; com mais duas ou tres sessões ficará ultimada, e só haverá que relatar as suas conclusões motivadas. Quanto á commissão nomeada por esta Academia, os seus trabalhos teem sido até agora de accordo com os da outra commissão citada, e apenas em levissimas minucias haverá discordancia. Parece-lhe opportuna uma aproximação entre a nossa Academia e a do Rio de Janeiro, visto esta ultima haver já formulado o seu plano de reforma, que em parte está executado; e pautado como foi pelas bases por elle expostas nas *Orthographias portuguezas*, a discordancia entre elle e os principios a que obedeceu o referido plano são de pequena importancia.

A principal, e na qual nem a esta Academia, nem a Portugal convém de modo algum ceder, é a questão do *s* entre vogaes, etimologico, ser substituido por *z*. E diz que não pode ceder, porque seria falsear a historia da lingua portuguesa e pôr a nossa orthographia em contraste desvantajoso neste ponto com as das mais nações romanicas, como disse muito bem a Sr.^a D. Carolina Michaëlis. Acresce que mesmo no Brasil, mormente no centro pau-

lista, essa innovação provocou reclamações autorizadas. Para que, porem, a nossa Academia entre em relações sobre a reforma orthographica com a Academia Brasileira, parece-lhe da maior conveniencia que o nosso consocio Lucio de Azevedo seja aggregado á commissão do Dicionario por esta Academia nomeada. Tolerancia mutua será sem duvida indispensavel, para que se estabeleça orthographia da lingua portuguesa literaria, que possa ser commum ás duas nações, não obstante as differenças já consideraveis que existem na pronunciação de innumeros vocabulos, especialmente no que respeita ás vogaes átonas *a, e, o*, cujo obscurecimento, sujeito a interessantissimas leis nos idiomas de Portugal, não é observado no Brasil. Todavia, podemos asseverar que as variantes de pronuncia das diversas regiões do Brasil não foram ainda estudadas, com o rigor com que o tem sido, com applauso dos romanistas de todo o mundo, principalmente de Julio Cornu, quasi todas as de Portugal, em trabalhos já conhecidos em toda a parte, e que contribuíram para o português ser considerado nesta especie, a mais interessante das linguas neo-latinas. Quanto á decadencia do nosso idioma, por ser falado por um numero incomparavelmente menor em Portugal do que no Brasil, desproporção que o tempo fará que avulte cada vez mais, ponderará que não acalenta esse receio e para fundamento do seu desassombro basta citar que o inglês da Europa continúa a ser o padrão do inglês dos Estados Unidos da America do Norte, como o castelhana literario, só verdadeiramente vernaculo no centro da Espanha, é o modelo que nenhum escritor das Republicas da America do Sul, de origem espanhola, desdenha ou menoscaba.

Mesmo as levissimas differenças orthographicas, como no inglês a terminação *or* por *our*, adoptada nos Estados Unidos, e a preferencia de *i* a *y* para a escrita da conjunção copulativa, no Chile por exemplo, teem, a seu ver,

fundamento rigoroso, e, tarde ou cedo, desaparecerão decerto essas differenciações caprichosas. Em nenhuma parte da America do Sul, a não ser individualmente e por artificio, se faz hoje em dia a minima distincção entre o *s* e *z* ou *ce*, *ci* castelhanos, e não obstante esse facto capital na fiel escrita dos seus idiomas, a ninguem occorreu lá unificar numa só escrita os sons que essas letras designam no idioma official de Espanha. Isto, todavia, não obsta a que diligenciemos entender-nos com os filologos brasileiros sobre escrita commum, e a occasião não poderá nunca ser tão opportuna como a que a boa vontade do Sr. J. Verissimo nos offerece agora.

Em virtude da proposta do Sr. Gonçalves Vianna, foi aggregado á commissão do Diccionario o Sr. Lucio de Azevedo.

Não havendo mais de que tratar, foi encerrada a sessão.

**Parecer redigido pelo Sr. Veiga Beirão
acêrca da candidatura do Sr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna
a socio correspondente**

Senhores.— O nome do Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna é bastante conhecido para poder dispensar larga e desenvolvida justificação da sua candidatura a socio correspondente d'esta Academia.

Professor cathedratico da Faculdade de sciencias juridicas e sociaes do Rio de Janeiro, 1.º secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, Sá Vianna tem illustrado o seu nome numa serie de trabalhos juridicos.

Alem de relatorios de trabalhos e occorrencias do Instituto de que é devotado secretario, da organização das actas e discussões e mais trabalhos do Congresso Juridico Americano effectuado por occasião da celebração do quarto centenario do descobrimento do

Brasil, e de outros trabalhos que não enumeraremos, desejamos referir-nos a um dos seus ultimos trabalhos por muitos titulos notavel.

É essa obra, intitulada *Das fallencias*, que temos presente.

Nella faz-se uma desenvolvida synthese historica da fallencia em que a parte que mais nos interessa, o Direito portuguez, é acuradamente referida. Depois define-se, caracteriza-se, justifica-se a fallencia e examinam-se desenvolvida e fundadamente todos os seus termos, desde a sua abertura até a sua terminação.

É um livro para consultar em questões correntes e tambem para estudar quando se tratasse de qualquer reforma em assunto tão momentoso como delicado.

E aos conhecimentos que o professor e o juriconsulto revela nesse trabalho, juntam-se a clareza da linguagem e a correcção do estilo.

Sá Vianna pertence já a varias sociedades scientificas. É membro honorario da Associação dos Advogados de Lisboa e dos illustres Collegios de Advogados de Lima e La Paz, membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, presidente da Comissão de Assistencia Judiciaria junto á Camara Civil do Tribunal Civil e Criminal, collaborador da *Revista de jurisprudencia* e do *Anuario de legislação de Madrid*, representante da Faculdade livre de sciencias juridicas e sociaes do Rio de Janeiro e do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros no segundo congresso scientifico latino-americano.

Parece-nos, pois, que esta Academia, elegendo seu socio correspondente o Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, fará obra de justiça.

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO.

LUCAS FERNANDES FALCÃO.

FRANCISCO ANTONIO DA VEIGA BEIRÃO.